

JEAN WYLLYS

TEMPO BOM,
TEMPO RUIM

Identities, políticas e afetos

BR
RJ
| B
| B

Copyright © 2014 by Jean Wyllys

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Alguns dos textos que compõem este livro foram publicados anteriormente em sites e periódicos, embora tenham sido revistos e atualizados para esta publicação.

CAPA Thiago Lacaz

PREPARAÇÃO Rita Mattar e Graziela Marcolin

REVISÃO Mariana Cruz e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wyllys, Jean

Tempo bom, tempo ruim: identidades, políticas e afetos / Jean Wyllys. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2014.

ISBN 978-85-65530-64-4

1. Crônicas brasileiras I. Título.

14-02674

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

Sumário

TEMPOS DE VIDA

Conhecer a vida	13
Ventre da mãe	18
Animal político	20
Questão de gênero	22
Oriente-se, rapaz	24
As palavras do gueto	28
Fé no que virá	30
Dias mal-ditos	33
Falar às massas	38
O desejo de representar	48
Armar-se em palavras	51
O jogo do adversário	54
Consumir a cidadania	57
Lado esquerdo	60
O lugar do armário	62
Salve Jorge!	65
Santo ou orixá	68

TEMPOS DE LUTA

As lições de Stonewall	73
O nome do mal	76
A palavra dos mortos	78
Liberdade de expressão?	88
A zona noturna	90
Quem acolhe o menor a mim acolhe	96
À espera de reformas	98
O luto ausente	109
O retorno do fascismo	111
O começo do fim da guerra	120
Extermínio real e simbólico	126
Direitos humanos são inegociáveis?	128
Casamento igualitário	136
Criminalização da homofobia	142
Casamento ou criminalização?	144
A Igreja depois do papa Francisco	150
Lidar com a (in)visibilidade	156
Gabriela Leite da vida	160
Orgulho de quê?	164
Contra o fundamentalismo	168
Harmonias bonitas	172
Cura gay?	176
Cultura digital do ódio	181
O dilúvio de (des)informação	183
A vida com pensamento	186
Agradecimentos	189

TEMPOS DE VIDA

isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além

“Incenso fosse música”, Paulo Leminski

Conhecer a vida

Nascer, vir a este mundo, é ser convidado para uma guerra perene. E o termo dessa guerra é sempre a morte, não importa qual seja sua duração (há guerras tão curtas quanto a gestação de um bebê prematuro). Mas, até que se conclua, a guerra se desdobra em conflitos, lutas ou batalhas. “É de batalhas que se vive a vida”, diz meu conterrâneo Raul Seixas, na bela balada “Tente outra vez”, sobre os conflitos nossos de cada dia. Viver em sociedade é, portanto, estar permanentemente em conflito, seja só ou acompanhado, seja por ou contra alguém ou algo (pessoas, instituições, bens materiais ou imateriais, valores, ideias, a vida e a morte em si mesmas). E mesmo para aquele ou aquela que se imagina ou se comporta como uma ilha, alheios ao continente de pessoas vivendo em sociedade, a vida é um suceder de batalhas que se desdobram dentro de si.

Desde o início, minha vida foi uma luta. Com um ano e pouco de existência, lutei com choro fraco pela vida, que a desnutrição e a desidratação, muito comuns em ambientes de extrema pobreza, queriam levar embora. Claro que eu não teria vencido essa batalha não fossem minha mãe e meu pai, que pediam auxílio a pessoas em condições me-

lhores que a nossa — o que me faz lembrar que sozinhos jamais venceremos certas batalhas e que sempre precisaremos uns dos outros.

Costumo descrever minha infância como “regra e exceção”. Como “regra” porque ela não foi muito diferente da infância sofrida dos meninos das cidades do interior da Bahia, que vivem na periferia rural. Passei os meus primeiros anos abaixo da linha da pobreza, na mais absoluta miséria. Era uma carência tão grande que sequer tínhamos banheiro em casa. Falo isso sem nenhum orgulho, porque viver assim não é bom para ninguém. Entretanto, não tenho problema em falar da minha origem.

Meu pai era pintor de automóveis e minha mãe, lavadeira. Ele era alcoólatra e não conseguia se estabilizar profissionalmente. Seu cotidiano era infeliz e sua alma ansiava por uma vida melhor, mais digna. Era muito inteligente, embora só tivesse estudado até a quarta série do ensino fundamental — minha mãe foi até a terceira série. Painho era um homem perspicaz, ouvia muito, falava bem, tinha grande carisma, as pessoas o adoravam. O álcool fazia com que essa sua simpatia aflorasse, mas obviamente tinha um lado muito ruim: não o deixava se fixar nos empregos que arranjava.

Minha mãe lavava “de ganho”. Depois, foi trabalhar como empregada doméstica. Meu pai vivia dos trabalhos temporários e nem sempre conseguia dinheiro. Para aplacar a frustração, bebia. Às vezes, passávamos o dia todo na esperança de ele voltar com alguma coisa para comer... e, quase sempre, ele voltava de mãos vazias; ou, quando chegava, já era muito tarde.

Mãinha não queria que fôssemos para a escola com fome, mas meu irmão e eu íamos assim mesmo. Em ra-

zão dessas dificuldades, tivemos de trabalhar muito cedo. Aos dez anos, estudava no turno da manhã numa escola pública chamada Maria José Bastos, perto de minha casa. Depois, vendia algodão-doce com meu irmão. O pouco dinheiro que juntávamos era repassado para minha mãe. Apesar das dificuldades tive uma infância alegre, típica de menino do interior: brincava na rua, subia em árvore, soltava papagaio. Mesmo em meio às experiências traumáticas decorrentes da pobreza extrema em que vivíamos, tenho algumas lembranças boas, de um tempo em que a violência ainda não havia chegado às periferias.

Por outro lado, considero-me uma “exceção” porque, hoje em dia, muitos meninos pobres acabam tomando rumos bastante problemáticos: abandono, drogas, roubo, violência. A antiga região rural em que cresci transformou-se em um grande subúrbio, no qual, infelizmente, quando uma criança não é corrompida pelas violências, fica aprisionada na reprodução da miséria: ocupa um subemprego, porque não estudou, teve de abandonar a escola para trabalhar, e seu destino é permanecer ali. Eu escapei disso.

O que me afastou desse fado foi a leitura, a escola, a educação. Mesmo trabalhando por insistência de minha mãe, nunca deixei de estudar. Sempre tive o maior prazer em aprender e em ler. Por vezes, lia bulas de remédio porque não tinha dinheiro para comprar livros. Costumava frequentar a casa paroquial, não só por ter sido coroinha, mas também para aproveitar o tempo na biblioteca e ler o que podia. Esse gosto pela leitura sempre me acompanhou. Em minha cidade natal, Alagoinhas, fiquei até terminar o estudo ginásial. O envolvimento com a Igreja levou-me a fazer o teste para ser menor-aprendiz da Caixa Econô-

mica. Trabalhei lá durante um ano e, quando concluí a oitava série, prestei concurso para ingressar na Fundação José Carvalho, uma entidade educacional filantrópica que seguia o modelo suíço de educação, com unidades de ensino fundamental, técnico e rural. A seleção para a FJC era bastante concorrida. Na época, oitenta candidatos eram selecionados e passavam um mês no colégio, em regime de internato, para serem submetidos a novas provas. Desses, eram aprovados somente 25, que iriam, então, cursar o segundo grau na Fundação. Fui um dos aprovados, para a unidade de Pojuca, na região metropolitana de Salvador. Com isso, minha vida ganhou outro rumo, eu ingressava em um colégio de excelência.

Quando concluí o ensino médio técnico, tive emprego certo em Salvador. Em um tempo em que a informática ainda era para poucos, fui trabalhar no hospital Português da Bahia, como programador. Em Salvador, fiz o vestibular para jornalismo, na Universidade Federal da Bahia. Formado, trabalhei por sete anos como repórter: primeiro, na *Tribuna da Bahia*; depois, no *Correio da Bahia*, em diferentes funções. Ajudei a criar o caderno “Correio Repórter”, voltado para matérias investigativas e de cunho social. Desde minha formação, procurei trabalhar com o jornalismo engajado, e cheguei a ganhar alguns prêmios por matérias que seguiam essa linha.

Assim que terminei a faculdade, ingressei no mestrado na área de estudos culturais em literatura. Comecei então a lecionar no ensino superior: dei aulas como professor-substituto na UFBA e, mais tarde, me tornei professor titular das faculdades Jorge Amado, onde também desenvolvia um programa chamado Núcleo de Mídia e Cidadania, ou NMC. Trabalhávamos com as populações caren-

tes de Salvador, com a proposta de uma educação através da mídia, para que tivessem acesso à cidadania e à justiça.

Com a mudança para o Rio de Janeiro, mantive minha carreira acadêmica na área de comunicação. No Rio, lecionei na Escola Superior de Propaganda e Marketing e na Universidade Veiga de Almeida. Atualmente, faço doutorado em antropologia do consumo, na Universidade Federal Fluminense.

Ventre da mãe

Em um sábado qualquer, estava na companhia de minha mãe em nossa casa, na Bahia. Entre um papo e outro, comecei a cantarolar baixinho “Music and Me”, de Michael Jackson. Mãinha ficou emocionada. Eu quis saber dela o motivo das lágrimas. Antes de responder, ela me pediu que cantasse a música toda. Mesmo com os erros do meu inglês ruim, obedeci. Quando terminei de cantar, mãinha me explicou que a canção fez com que se lembrasse de quando estava grávida de mim. Na época, a Globo exibia *Carinhoso*, novela de Lauro César Muniz protagonizada por Regina Duarte, Cláudio Marzo e Marcos Paulo. “Music and Me” fazia parte da trilha sonora da novela e embalava o triângulo amoroso formado pelos personagens principais: Cecília, Humberto e Eduardo.

Segundo mãinha, naquela época havia apenas um aparelho de televisão em toda a Baixa da Candeia, periferia rural de Alagoinhas, onde vivíamos. Pertencia a um homem chamado Balbino, que viria a ser meu padrinho. Diariamente, por volta das sete horas da noite, a porta e as janelas da casa de seu Balbino eram ocupadas por dezenas de vizinhos, que, mais fascinados com as imagens do que presos à trama, assistiam atentos à novela. Entre esses vi-

zinhos, estava ela, com seu barrigão, uma filha no colo e outra ao seu lado, de mãozinhas dadas.

Depois de ouvi-la, também me emocionei. Todo sonho “é sagrado e alimenta de horizontes o tempo acordado de viver”, como diz Beto Guedes na música “Amor de índio”. Se não fossem aqueles breves instantes de ficção e música à porta de um vizinho, talvez minha mãe não tivesse suportado a vida miserável e sem graça que vivia. Não fossem aqueles instantes de devaneio, talvez a luz do dia não tivesse me recebido.

Por tudo isso, qualquer dia desses, parafraseando “Music and Me”, vou dizer à minha mãe: “Mãinha, apenas saiba que, aonde quer que eu vá, estaremos tão próximos como só eu e a música podemos estar: *music and us*”.